

O FALAR DA COMUNIDADE NEGRA DE JOÃO RAMALHO

Jeane Mari Sant'Ana SPERA*
João Roberto Inácio RIBEIRO*

RESUMO: Este trabalho pretende explorar algumas peculiaridades lingüísticas da comunidade negra de João Ramalho, na região de Assis, SP, tendo em vista o isolamento em que essa comunidade vive. Este isolamento é resultado de uma atitude bastante resistente à inter-relação com membros de outros grupos.

UNITERMOS: Isolamento cultural; variações lingüísticas; arcaísmos; tabus lingüísticos.

Partindo da constatação de que o isolamento é um dos fatores que impedem as mudanças lingüísticas, chamou a nossa atenção a notícia, veiculada por um jornal de Assis, de que havia em João Ramalho, cidade vizinha, uma comunidade negra bastante resistente à interação com indivíduos estranhos a ela.

Essa comunidade existe há cinqüenta anos, tendo sido fundada pelas famílias dos senhores Joaquim e Oscar, recém-chegados da Bahia. Há pouco tempo, cerca de dois anos, as famílias se dividiram por questão de espaço. A comunidade a que tivemos acesso foi a chefiada pelo Sr. Joaquim Francisco dos Santos, que se mudou da colônia original para fundar outra, mais próxima da cidade de João Ramalho.

A colônia do Sr. Joaquim é composta por quinze famílias, cujos casebres localizam-se nas proximidades de uma nascente. Percebe-se que o critério utilizado para a disposição das casas é o da proximidade, pois os espaços são comuns, com trilhas ligando uma casa à outra.

Os membros pertencem todos à mesma família, já que os casamentos são feitos entre primos. Segundo o relato do chefe, apenas uma de suas filhas casou-se com um "estranho", fato que não agradou muito à comunidade, conforme pudemos perceber nas entrelinhas.

Os homens dividem-se em três categorias, no que diz respeito ao trabalho. Os mais velhos ficam na colônia, na condição de "aposentados". Os de meia-idade

* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800 – Assis – SP.

trabalham nas imediações, para atender à comunidade em caso de emergência. Os mais jovens prestam serviços nas lavouras da vizinhança, sobretudo na lavoura de cana*. As mulheres exercem as funções domésticas, e apenas as mais jovens trabalham fora.

O fato de os homens saírem mais da comunidade, mesmo que somente em função do trabalho, foi bastante significativo por ocasião das entrevistas: as mulheres demonstraram muita timidez no relacionamento com os entrevistadores, o que ficou expresso pelo laconismo de suas respostas. É necessário esclarecer que só foi possível gravar uma entrevista com informante do sexo feminino. As crianças, que há pouco tempo começaram a freqüentar a escola de João Ramalho, são mais acessíveis.

A reportagem, a que já nos referimos, despertou a nossa curiosidade no sentido de verificar em que estágio estaria a língua falada nessa colônia que faz tanta questão de se manter isolada. Montamos, então, um esquema de abordagem que incluiu até os políticos da cidade de João Ramalho, que tinham fácil acesso à comunidade. Foi assim que, com uma recomendação do prefeito dessa cidade, conseguimos dar início ao trabalho.

Em nosso primeiro contato, tivemos uma conversa informal com o Seu Joaquim, o chefe da comunidade, a partir da qual pudemos elaborar um questionário-piloto que sofreu alterações após a entrevista gravada com esse informante. O questionário final foi aplicado a mais quatro pessoas: uma senhora de 50 anos, um senhor de 48, um jovem de 23 e um menino de 10.

Durante todo o processo de desenvolvimento do nosso projeto, tivemos a colaboração entusiasmada de Álvaro Santos Simões**. Como recursos adicionais temos fotos do local e um registro, em videocassete, de uma reportagem da TV Globo sobre essa comunidade, em virtude das comemorações do Centenário da Abolição.

O questionário consta de seis partes, totalizando 88 questões sobre os itens: *Terra, Flora, Fauna, Homem, Parentesco, Costumes e Lendas e Superstições****.

Depois de feitas todas as entrevistas, passamos à etapa da transcrição e análise dos resultados. A fim de facilitar a visualização dos resultados obtidos, indicaremos, em colunas encabeçadas pelo nome e idade do informante, o número da pergunta e a resposta obtida. Visando à economia de espaço, consideramos desnecessária a inclusão de todo o questionário. Os itens gerais são, certamente, suficientes para identificar a pergunta feita. Em apenas três respostas usaremos asteriscos para esclarecimento do leitor. Esclarecemos ainda que selecionamos as perguntas segundo o grau de importância das respostas. Algumas respostas mais extensas deixaram de figurar

* São raros os membros que saíam da comunidade para trabalhar em regiões mais distantes. A permanência na comunidade é a regra geral.

** Aluno do curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

*** Para a elaboração desse questionário orientamo-nos pelo *Guia para estudos dialectológicos*, de Serafim da Silva Neto, completando-o com perguntas que julgamos necessárias incluir, a partir da primeira entrevista com o informante mais velho.

nesta lista, para serem transcritas e comentadas no final deste trabalho, quando nos referirmos aos tabus lingüísticos e à visão mágica do mundo.

	Joaquim (90 anos)	Maria (50 anos)	Gildo (48 anos)	José (23 anos)	Valmir (10 anos)
I. Terra					
1.	córgo	córgo	córgo	córgo	rego
2.	banhado	brejo	banhado varjante	banhado	brejo
3.	asto subida	morro lugar arto	morro arto	subida	subida
9.	aleia	area	area	area	areia
10.	triu	triu	triu	triu	passador
12.	ludem	nuva	nuvi	nuve	nuva
13.	soli	soli	sol soli	sol	sol
14.	luma	lũa	lua	lua	lua
16.	estela (estrela)	estrela	estrela	estrela	estela
17.	estela d'aga	estrela d'água	estrela d'ava	estrela d'água	estela d'álga
23.	chuva de fulô	chuva di frô	chuva di frô	chuva de flô	chuva de flô
28.	relampo	relampo	relampo	relampo	relampo
30.	sereno	—————	sereno arvaio	aruaia da madrugada	arvaio
II. Flora					
38.	gambá*	gambá	gambá	gambá	—————

* Essa é uma das plantas que servem para fazer chá. Também teria o poder de proteger a casa contra "mau-olhado".

III. Fauna

	Joaquim	Maria	Gildo	José	Valmir
39.	alibu	arubu	arubu	urubu	urubu
40.	gavião	gavião	carcará	gavião	cacará
42.	beja-fulô	beja-fulô	beija-frô	beija-flô	beija-flô
43.	moça/moço*	moça/moço	mocho/a	mocho/a	mocho
44.	gangolo canga varão	gangolo	gangolo cincerro choquaio	canga triângulo gangolo	cigora(?)
45.	tiú	tiú	tiú	tiu de anel	tiú
46.	lagasto lagastixa	lagartixa	lagartixa	biba**	lagartixa
47.	sapo	sapo	sapo mirixiquera	sapo	canhã/cururu sapo
49.	espantá*** cobra	pra cobra	combatê cobra	bom pra cobra	mode cobra
53.	pucumã	tucumã	picumã	picumã	_____

IV. Homem

57.	goto saluço	saluço	saluço	saluço	saluço
58.	estamo**** corco	estomgo cóico	bucho	bucho/ corco estamo	ziria(?)
62.	quiqui	quiqui subaco	fubaco quiqui	quiqui	quiqui subaco
66.	canhoto dereitero	canhota	canhoto esquerdo	canhoto dereitero	dereitero
63.	oleia	zorea	orea	oreia	ureia
69.	boboinha boboia	boboia	boboia	boboia	boboia
79a.	monturu	lixo monturu	bagaço monturu	monturu munturu	monturu
79b.	postema	machucado (postema)	pereba	_____	_____

VI. Costumes

87.	sentinela	sentinela	sentinela	sentinela	_____
-----	-----------	-----------	-----------	-----------	-------

* Nome que se dá à vaca ou boi sem chifres.

** O informante afirma que "todo mundo" conhece como biba.

*** Por que se carrega alho no bolso.

**** Estômago.

Como ficou demonstrado pelo quadro, o desempenho lingüístico dos membros dessa comunidade apresenta traços significativos.

Antes de proceder à análise das respostas, consideraremos um traço específico da fala do Seu Joaquim, 90 anos. Na grande maioria das vezes, este senhor troca o *r* intervocálico por *l*: “oleia” por oreia; “alibu” por aribu (urubu) etc. A troca do *r* pelo *l* é comentada por Schlichthorst, ao relatar a fala dos negros do Rio de Janeiro, no início do século XIX:

“Em três meses, podem, em geral, se fazerem mais ou menos entender. Só o grupo consoante *st* e o *r* lhes oferecem muita dificuldade. Pronunciam o primeiro como *t* e o segundo como *l*. Por exemplo: *tá bom* em lugar de *está bom*, *dalé* ao invés de *darei*.” (2, p. 98).

Às vezes também ocorre a troca do *r*, em posição pré-consonantal, por *s*: “asto” por “arto” (alto), “lagasto” por “lagarto”. Antes de atentarmos para esse fato, entusiasmos-nos a originalidade de “asto”, que pensávamos ser uma forma arcaica ou um estrangeirismo. Observamos que os outros informantes também realizam, embora raramente, essa troca do *r* pelo *l*. O Sr. José realizou “cimitélio” por “cimitério” e “colagem” por “coragem”.

Encontramos em pleno uso algumas formas arcaicas ou regionais do léxico. Todos os informantes conhecem “monte de lixo” por “monturu”, e dois (os mais velhos) ainda dizem “postema” para se referirem a “ferida”. “Lagarto” é conhecido por “tiú” que, segundo Mestre Aurélio, é a forma utilizada no Nordeste para designar “teiu” (lagarto grande). “Velório” é conhecido apenas como “sentinela” por todos os informantes. Esse também é um termo próprio do Nordeste, segundo Mestre Aurélio (3).

Outra forma, “gavião”, que apareceu em três questionários por indução do entrevistador, aparece espontaneamente como “carcará” ou “cacará”, nos outros dois. Isso nos leva à conclusão de que os informantes que disseram “gavião” também conhecem e usam a forma “carcará”, mas deixaram de realizá-la levados pela sugestão do entrevistador.

A palavra *lua* sofre realizações bastante significativas dentro da comunidade. Os informantes mais velhos, Seu Joaquim (90 anos) e D. Maria (50), realizam “luma” e “lúa”, respectivamente. Os outros realizam “lua”. Do mesmo modo, a palavra *sol* é realizada como “soli” pelos três informantes mais velhos. Assim, observa-se a existência de dois estágios da língua: um anterior, mantido pelos mais velhos, em conflito com outro, mais moderno, sendo imposto pelos mais jovens.

Algumas palavras utilizadas por esses informantes parecem ratificar a impressão de Saint-Hilaire a respeito dos negros do Brasil. Segundo este pesquisador, “os negros conservam ‘qualquer coisa infantil de seus modos, linguagem e idéias’... o que é um dos característicos dos falares crioulos” (2, p. 98). Nós substituíamos “infantil” por “poético”. Assim, encontramos palavras cuja existência só pode ser explicada como intuito expressivo de caráter onomatopaico: para designar *cincerro*, eles usam “gangolo”; para indicar *sovaco*, dizem “quiqui” e, em vez de *bolha*, dizem

“boboia”. Ocorreu-nos que “quiqui” pudesse ser corruptela de *axila*, mas a relação parece muito distante para justificar essa interpretação. Preferimos interpretar essas realizações como uma tendência para a expressividade. Teria alguma relação onomatopaica com cócegas?

A tendência para a expressividade reflete-se no uso intenso do diminutivo, sobretudo quando se referem a palavras-tabus como, por exemplo, diabo que é chamado de “coisinha”, “bichinho”, “cãozinho”. Trata-se, aqui, de um diminutivo que simula afetividade, com a função subliminar de diminuir o perigo que a palavra representa.

Os tabus lingüísticos parecem ter, nessa comunidade, um *status* privilegiado. Como já afirmamos, ninguém diz *diabo*, preferindo vocábulos como “coisinha”, “cãozinho” etc. *Chuva de pedra* é sempre designada por “chuva di fulô”, “chuva di frô” ou “chuva di flô”, porque “si falá qui é pedra, cai maiô” (informante nº 1, resposta 23). Também não se deve, segundo Seu Joaquim, dizer *cobra*, quando se ouve o barulho dela no mato; deve-se dizer “bicha mau”, porque “num podi chama a cobra... tem qui falá a bicha mau... Si falá ‘ói a bicha (sic) ali’, fais mal... tem qui falá ‘ói a bicha-mau ali’...” (informante nº 1, resposta 49). É interessante notar que, mesmo distante da situação de perigo a que se refere, o informante evita falar *cobra*, preferindo usar “bicha”.

Ao lado dos tabus lingüísticos, existem também os tabus alimentares que parecem ter a mesma força daqueles. Na comunidade, manga com leite é veneno, e alguns afirmam ter visto alguém morrer disso. Mulher de dieta não pode comer comida pesada, a não ser no hospital, onde se pode comer de tudo, pois “lá num fais mal porque tá nu recursu... aquela cumida já vem cum remédiu.” (Informante 3, resposta 83).

Chamou também a nossa atenção a visão mágica que esses elementos têm do mundo, notadamente os mais velhos. À pergunta nº 18, que se referia a estrelas cadentes, o Seu Joaquim respondeu que se trata de sinal de viuvez ou de fuga de moça:

“aquela estela... candu uma moça vai fugi... o então tá pa discasá um casali, ela fica pertu da lûa... uma mais pa riba, otra mais pá baso... então devi ficá um viúvu... o casali bem casadu...”

Todos os informantes afirmam que dentro do redemunho há o “bichinho”. Por exemplo:

“nu meio tem a parte du bichinho... um bichu du outro mundu... Num podi falá nomi... só fala u bichinho... (informante 3, resposta 26).

O Seu Joaquim refere-se ao *raio* como “machadinha”:

“issu qui é u raru... candu eli dá... uma machadinha... eli cai numa arve... Candu eli (...) torna a levantá, sobi pra cima... Tem dois nomi, né? É uma machadinha que nem cê tira lenha neli... Eli tem dois nomi... raiu... ou curiscu (...) Relampa nu céu i eli vem diretu... chega aqui, cai num pau e fica prá dentru (...) nu chão... Quando relampa, levanta pra cima otra veis.” (Informante 1, resposta 29).

Essa história da machadinha é referendada, meio timidamente, pelos outros informantes.

Todos afirmam que o pássaro conhecido como João-de-barro costuma matar a companheira, por ciúme, fechando com barro a porta da casa. Também é do consenso comum que o alho serve para espantar cobra (resposta 49), além de espantar outras coisas não especificadas: “muitas coisas” (informante 3). Para o Seu Joaquim, o “gagalume” parece ser um substituto de *estrela*:

“gagalume... Deus dexô achu qui prá lumiá di noiti... é que nem estela... di dia num aparece... só di noiti prá lumiá nós... eli sai lá di cima... quandu bati uma chuva... As veis as estela tá apagada i a noiti tá escula i então eli sai alumianu assim... lumeia...” (resposta 51).

Essa visão mágica, repetimos, parece ser bem consistente no discurso do Seu Joaquim, enquanto os outros informantes expressam um certo acanhamento em admitir essas crenças. Mas não as negam. Preferem dizer que “o véiu sabe”.

Essas são as considerações que julgamos possível fazer no limite imposto pelas cinco entrevistas. Alguns aspectos importantes, apenas vislumbrados nesta primeira etapa do projeto, serão objeto de uma pesquisa mais aprofundada, com um *corpus* maior que permita tirar conclusões mais seguras. As cinco entrevistas nos parecem insuficientes para observar, por exemplo, a extensão da troca do *r* pelo *l* e do *n* pelo *l*, como em: “luvem”, (nuvem), “limão”, “ilmão” (irmão) etc. De qualquer forma, temos a certeza de que encontramos, na comunidade negra de João Ramalho, um rico filão para estudos dialectológicos e sociolinguísticos.

SPERA, J. M. S. A. & RIBEIRO, J. R. I. – The speech of the black community of João Ramalho. *Alfa*, São Paulo, 33: 147-154, 1989.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to search and identify some linguistic peculiarities of João Ramalho's black community, seated in the area of Assis (State of São Paulo), given the isolation in which those people live. This isolation seems to be the result of their strong attitude of resistance against relationship with members of other groups.

KEY-WORDS: Cultural isolation; linguistic variations; archaisms; linguistic taboos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SILVA NETO, S. da – *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed., Belém, Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas, 1958.
2. SILVA NETO, S. da – *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, Brasília, INL, 1976.
3. FERREIRA, A. B. de H. – *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

Alfa, São Paulo, 33: 147-154, 1989.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FERREIRA, A. B. de H. – *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- MARCELLESI, J. B. e GARDIN, B. – *Introdução à sociolinguística*. Lisboa, Editorial Aster, 1975.
- MONTES, J. J. – *Dialectologia general y hispano americana*. 2. ed. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1987.
- TARALLO, F. – *A pesquisa sócio-linguística*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
- TARALLO, F. e ALKMIN, I. – *Falares crioulos – línguas em contato*. São Paulo, Ática, 1987.
- VILANOVA, J. B. – *Aspectos estilísticos da língua portuguesa*. Recife, Casa da Medalha Ltda., 1977.